



Por Fernanda Schmidt e Fernando Henrique Fonseca

Três cidades, três Itália

Fugindo da pobreza, eles vieram fazer a América e acabaram trazendo a Itália para o interior de São Paulo

Desemprego. Fome. Sonhos. Corre o ano de 1886 e uma intensa busca por melhores condições de vida é instaurada na Itália. Destino de muitas famílias, o interior de São Paulo acolheu e incorporou tradições, preservando até hoje ares de Itália.

Sete milhões de italianos saíram de sua pátria em cem anos. Um milhão veio para São Paulo procurando escapar da crise econômica e política pela qual a Itália passava. Por meio da Sociedade Promotora da Imigração, fazendeiros paulistas espalharam, por lá, panfletos insinuando que os imigrantes se tornariam proprietários no Brasil. Porém a realidade era outra. Nas fazendas, o contrato de trabalho mais utilizado era o de colono, em que o italiano e sua família tinham de cuidar dos cafezais. Por

esses serviços, recebiam algum dinheiro que era praticamente todo usado para pagar parte das dívidas que contraíam toda vez que compravam alimentos e utensílios na mercearia da fazenda. Com altos juros, as dívidas eram quitadas no mínimo em 10 anos de trabalho pesado.

As cidades de Itapira, Itatiba e Jarinu, localizadas na região central do estado de São Paulo, receberam muitas dessas famílias, cujos descendentes representam atualmente mais de 80% dos cerca de 170 mil habitantes dos municípios. Apesar de bastante próximas, elas absorveram de forma distinta a italianidade. Itapira, por exemplo, apresenta um Circolo

1. Fábrica de fósforos da família Scavone, no início do século passado /2. Antiga estação de trem de Itatiba /3. Uma das primeiras formações da banda Corporação Musical Santa Cecília, fundada em 1906 /4. Vista panorâmica da cidade

Arquivo Foto Parodi



Italiano atuante na comunidade, além de uma marcante presença de filhos e netos de italianos nas profissões liberais. Já Itatiba, conta com a quase cen-



Fotos: Fernando Henrique Fonseca

tenária banda da *Corporação Musical Santa Cecília*, que nasceu em 1906 e até hoje anima tardes no coreto da praça da igreja matriz. Jarinu, por sua vez, mantém ainda fortes os laços tradicionais com a terra, desde a produção caseira de alimentos à fabricação artesanal de bebidas, e incentiva o uso da língua-mãe, com o ensino de italiano integrando o currículo das escolas mantidas pela prefeitura.

Itatiba

Incrustada na Serra da Jurema, entre Jundiaí e Campinas, a região de Itatiba começou a ser povoada lentamente a partir do século XIX. A agricultura era apenas para subsistência, com exceção de algumas fazendas que plantavam cana-de-açúcar. Porém, foi só a partir de 1850, com a chegada do café na região, que a cidade cresceu e se desenvolveu, ganhando independência administrativa em 1857. Chamava-se Belém de Jundiaí.

A crise da escravidão na década de 1880 foi fator crucial para a vinda dos italianos. Ao conseguir algum dinheiro, muitas famílias das redondezas escolheram a cidade para iniciar uma nova fase de suas vidas, já como proprietários de pequenas terras. A comunidade italiana cresceu e gerou a necessidade de organizar sociedades de auxílio aos imigrantes na região. Assim, foi criada a Sociedade de Mútuo Socorro Giuseppe Garibaldi, que deu origem à banda da cidade: a *Corporação Musical Santa Cecília*. Fundada em 1906, ela permanece em atividade até hoje, mesmo após a extinção da *Giuseppe Garibaldi*. “Fazemos apresentações em festividades comemorativas da cidade e das cidades vizinhas, em festas particulares, religiosas e políticas”, conta Antonio de Pádua Mantovani, presidente da banda. “Tocamos músicas tradicionais de banda e italianas também”, completa.

1. Museu Padre Lima de Itatiba / 2. Rogério Scavone, da Foto Parodi / 3. Preparação da macarronada para a Festa Italiana em Itatiba

Museu Padre Lima: imigrantes em exposição

O Museu Histórico Municipal Padre Francisco de Paula Lima localiza-se na Praça da Bandeira ao lado da Igreja Matriz de Itatiba. Seu prédio foi idealizado por uma família tradicional da região e ocupa um antigo solar construído em 1875.

Para sua instalação, em 22 de dezembro de 1996, todo o casarão passou por minuciosa restauração. As pinturas decorativas de suas paredes internas

foram reconstituídas. Os antigos cômodos do solar foram transformados em salas temáticas. O museu possui uma exposição permanente chamada *Caminhos do Passado*, que traça a história da cidade. Dentre as salas, a antiga cozinha foi propositadamente escolhida para contar a trajetória dos imigrantes italianos em Itatiba. Seu acervo inclui documentos, uma máquina registradora, objetos pessoais e fotos.



Com a intenção de resgatar os princípios de sociedades, como a que originou a banda, foi concebida há dois anos a Associação Ítalo-Brasileira de Itatiba. “Seu objetivo é promover o intercâmbio cultural”, conta Rogério Scavone, secretário da Associação e dono da Foto Parodi, tradicional estúdio fotográfico fundado por seu tetravô, primeiro fotógrafo da cidade, em 1907. A Associação aproveitou o registro da evolução da cidade por meio das imagens feitas por Scavone e seus antepassados para montar um projeto que disponibilize esse acervo para consulta pública. “É um projeto que estamos tentando viabilizar, mas ele envolve um custo relativamente alto”, explica o secretário, referindo-se à digitalização das fotos.

Em julho deste ano, a Associação Ítalo-Brasileira organizou, em conjunto com a Corporação Musical, uma festa italiana na Praça da Bandeira, a principal da cidade, em frente à Igreja Matriz. Cerca de 1.700 pessoas festejaram em meio a muita música e a barracas com comidas típicas. Uma missa em ação de graças, pelo aniversário de 99 anos da banda e pelo de dois da Associação, foi celebrada em italiano pelo padre Domenico Cristofano. Nascido em Molise, na Itália, Cris-

tofano é pároco no município de Jarinu. Outra cidade da região também esteve representada: de Jundiáí, foi convidado o coral Sacro Cuore di Gesù para uma apresentação, também em italiano, de músicas religiosas durante a missa. Para encerrar a festividade, a tradicional banda de Itatiba, regida pelo maestro Otávio Busca, tocou seu repertório por uma hora e meia.

Itapira

Em meio a quatro municípios do Circuito das Águas (Águas de Lindóia, Lindóia, Serra Negra e Amparo) está Itapira. Uma cidade calma, sem muito movimento, mas que chega a reunir 50 mil pessoas durante suas tradicionais festas italianas.

Os primeiros movimentos para colonização da região se deram em 1820, com a fundação da Igreja Nossa Senhora da Penha. Logo se formou uma pequena vila que, em 1858, conquistou emancipação administrativa. Sua economia foi pautada pela produção do café, que empregou os imigrantes em quantidade. A presença dos italianos em Itapira foi tão grande que em 13 de junho de 1915 começou

a ser impresso por Rodolfo Paladini, dono de uma tipografia na cidade, o jornal semanal *La patria degli italiani*. “Foi o primeiro



1. e 2. Ainda em Itatiba, a missa acompanhada pelo coral Sacro Cuore di Gesù, de Jundiáí, e as bandeiras perfiladas da Itália, do Brasil e do Vaticano /3. Casa da Cultura de Itapira /4. Museu de Itapira, na Praça Juca Mulato



1



2



3

jornal editado no interior do Brasil escrito totalmente em italiano”, afirma Jácomo Mandato, historiador de Itapira que já publicou livros sobre a cidade, entre eles *Brava gente italiana! Vol. 1 e 2*.

Festas são organizadas periodicamente na cidade. Elas chegam a durar três dias e reúnem toda a comunidade italiana da região. Descrevendo essas festividades como “cinematográficas”, Walter Ricciluca, Correspondente Consular da Itália e presidente do Circolo Italo-Brasileiro de Itapira, afirma que elas são “italianas na própria essência da palavra”.

Situado em frente à Igreja Matriz, o Circolo foi fundado em 1995 pelo atual presidente. Ele tinha por intenção continuar os trabalhos realizados pela Società Italiana di Mutuo Soccorso, Fratellanza e Lavoro, que teve suas atividades interrompidas e sua sede desapropriada durante a Segunda Guerra Mundial. “Botei na cabeça que tinha de fundar uma Società Italiana. Foi uma luta. É difícil reviver uma pessoa que está morta”, afirmou Ricciluca, fazendo alusão à antiga sociedade. Seu principal objetivo é agregar e divulgar a

cultura geral, italiana e brasileira. Para isso, são oferecidos aos associados corpo de baile e teatro, além de cursos de línguas.

Itapira abriga uma população de quase 64 mil habitantes, dos quais 80% são descendentes de imigrantes italianos, que chegaram à região a partir de 1870. “Eles vieram para a lavoura numa situação péssima. Eu ouvia de minha *nona* coisas absurdas”, disse Ricciluca. “Mas eles logo conseguiram prosperar e o grosso do comércio ficou com os italianos”, completa.

Após esse primeiro período narrado pelo correspondente consular, Itapira viu a “chegada de muitos italianos um pouco mais abonados nas primeiras décadas do século XX. Foi quando eles puderam ter outras atividades, como os médicos da família Galdi”, afirma Jácomo Mandato. Muitos dos

filhos desses imigrantes conseguiram prosperar e tiveram condições de estudar medicina, direito e engenharia na capital. A atuação desses profissionais liberais foi expressiva. César Bianchi, por exemplo, “foi um homem espetacular”, afirma Ricciluca. Ele conta que Bianchi “fundou o Instituto Bairral, um hospital para deficientes mentais, que hoje é um dos

1. Jácomo Mandato, historiador de Itapira / 2. e 3. Casarão da família Pereira da Silva, tradicional na cidade / 4. Coreto da Praça Juca Mulato



4



maiores da América Latina”. Lá trabalharam muitos médicos filhos de imigrantes que inovaram no tratamento de distúrbios mentais. A própria construção do hospital, em 1937, foi projetada e realizada por outro filho de italiano, Vitório Coppos, e, posteriormente, por seu filho César, engenheiro civil e alto funcionário do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo.

A programação cultural de Itapira continua a todo vapor. No dia 12 de novembro, um sábado, o Circolo organizará seu jantar anual em homenagem a cinco famílias italianas, que poderão expor documentos, fotos e objetos, durante uma semana, e reviver a memória dos imigrantes. “É um resgate de material que você não pode imaginar”, comenta Ricciluca. “É muito gratificante”, finaliza. O historiador Jácomo Mandato também trabalha em seu próximo livro. “Comecei a fazer a história das ruas da cidade”, diz ele. Assim, contará como surgiram os nomes de cada rua, seus antigos moradores e comparará fotos antigas a recentes.

Jarinu

Cidade famosa pela produção de morangos, Jarinu localiza-se entre Jundiá e Atibaia, com quase 14 mil habitantes. Emancipada política e administrativamente somente em 1949, o marco de sua fundação ocorreu quase um século e meio antes, com a construção da Capela de Nossa Senhora do Carmo do Campo Largo, em 1807. Nesse primeiro período, a cidade destacava-se pela alta

produção de açúcar, substituído posteriormente pelo café. A inauguração da ferrovia que ligava Santos a Jundiá foi essencial para a cidade. O trem levava o café para o porto e trazia, após o término da quarentena na Hospedaria dos Imigrantes, os italianos esperançosos por uma nova vida.

A influência italiana tem se manifestado de maneira distinta em Jarinu. A cidade investiu em educação. Desde 2004, os alunos da 2ª à 4ª série do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino têm aulas de italiano em sua grade curricular. Lígia Claret Lorencini Wild, pedagoga e ex-Secretária de Educação do município, trabalhou na implantação desse projeto. Ela conta que a escolha pela língua italiana veio das próprias famílias. “Colocamos à disposição dos pais o espanhol ou o italiano”. As raízes falaram mais alto. “Nesse meio tempo, o juiz de direito de Jarinu, que era do Circolo Italiano de Jundiá, tomou conhecimento de um convênio que poderia ser estabelecido com o governo italiano para difundir a língua e a cultura italiana aqui no país, sem custo algum”, explica.

Em 1998, outro convênio foi estabelecido. A prefeitura e o Centro de Memória da Unicamp uniram-se para promover a formação continuada dos professores. “Após 180 horas de aulas, as professoras já começaram a lecionar italiano aos alunos”, diz Lígia. “Elas desenvolveram uma cartilha própria, bem contextualizada, com assuntos que realmente sejam de interesse deste município, que é agrícola. O ensino é bastante lúdico, com muita música e brincadeira”, completa.

1. Walter Ricciluca, presidente do Circolo Italiano de Itapira /2. Os gêmeos Gustavo e Guilherme Bego mostram as lições de casa feitas em italiano /3. Igreja Matriz em Jarinu



1



2



3

A satisfação das famílias com o ensino do italiano é geral. Rosa Comin, neta de italianos, conta com alegria que seus bisnetos estão aprendendo a língua que tanto ouviu na juventude. “Eu gosto quando a professora passa as musiquinhas”, conta Gustavo Bego, de 10 anos, enquanto seu irmão gêmeo Guilherme mostra orgulhoso um livro em italiano que ganhou por ser o melhor aluno da turma.

Lígia acredita que, com as mudanças no currículo das escolas, certamente essa tradição italiana em Jarinu será intensificada, e aposta no futuro. “A idéia era realmente estender até a 8ª série. Acho que há uma série de benefícios. Estaremos ressignificando a nossa história, as nossas tradições e os nossos laços de identidade. Também há na região muitas indústrias italianas, que colocam, como diferencial, saber a língua”, completa. ☛

1. e 2. A neta de italianos Rosa Comin e sua propriedade, em Jarinu /3. Lígia Lorencini, ex-secretária da Educação de Jarinu

Uma história da imigração

Tradicional em Jarinu, a família Comin preserva antigos costumes. Mantém criação de animais, pequenas plantações, produção de vinho, de massas. A matriarca Rosa Comin, 84, é neta de imigrantes, mora na zona rural da cidade e narra a chegada de seus familiares ao Brasil, suas dificuldades e conquistas.

História

“Meus avós vieram de Mantua, na Itália. Meu avô se chamava Paulo Lorencini e a mulher dele, Virgínia Bronzeli. Ele comprou 75 alqueires de terra aqui em Jarinu e partiu entre os seis filhos homem. Mas só ficaram três aqui: meu pai, tio José e tio Tarcísio. Eles derrubaram um pedaço de mata virgem e formaram

uma olaria, tocada com burro, para fazer tijolo. E construíram a primeira casa neste sítio. Aqui ficou sendo o Bairro da Olaria até hoje e esta estrada, que sai da pista e vem para cá, é a Estrada Luiz Comin, que é o nome do meu marido.”

Idioma

“Meu pai gostava muito de falar italiano, assinava um jornalzinho e mandava eu ler. De modo que assim eu conheci o italiano. Não é que nem agora, que as crianças estão aprendendo o italiano na escola. Eu tenho dois bisnetos que moram aqui pertinho e completaram 10 anos outro dia. Eles falam: *Vó, agora nós estamos aprendendo italiano em Jarinu!*.”

Culinária

“Eu faço a mesma coisa do tempo que eu era criança. É o feijão, o arroz, a polenta, o frango. Faço macarrão em casa, pão. Faço até lasanha, ao invés de comprar feita. Vinho [tipo] italiano também, mas só para o gasto, sabe? Tem planta de uva, roça de milho, vagem, couve-flor, um pouco de criação de gado, porco, galinha, cavalo.”

Família matriarcal

“Meus filhos moram tudo por aqui. Vem muita visita de tarde, mas não são só os parentes, os amigos também. Eu fico contente, porque tem gente que fica isolado dos outros. Aqui não, sempre tem o povão que conversa e vem jogar baralho. É gostoso.”